

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Artes**

**HENRIQUE PAULINO DA SILVA**

**INTERFACES ENTRE MÚSICA, EMPATIA E MASCULINIDADES**

**SÃO PAULO  
2021**

**HENRIQUE PAULINO DA SILVA**

**INTERFACES ENTRE MÚSICA, EMPATIA E MASCULINIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto de Artes da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de  
Mesquita Filho” (UNESP) para obtenção  
do título de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Graziela Bortz

SÃO PAULO  
2021

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S586i	<p>Silva, Henrique Paulino da, 1990- Interfaces entre música, empatia e masculinidades / Henrique Paulino da Silva. - São Paulo, 2021. 40 f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Graziela Bortz Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes</p> <p>1. Música - Psicologia. 2. Música - Aspectos sociais. 3. Empatia. 4. Cognição. 5. Masculinidade. I. Bortz, Graziela. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 780.19</p>
-------	---

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

**HENRIQUE PAULINO DA SILVA**

**INTERFACES ENTRE MÚSICA, EMPATIA E  
MASCULINIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Artes da Universidade Estadual  
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)  
para obtenção do título de Licenciado em  
Música.

Dissertação aprovada em: 02/12/2021

**Banca Examinadora**

Profa. Dra. Graziela Bortz  
Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Orientadora

Profa. Dra. Lia Vera Tomás  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha família que pode me dar apoio em incontáveis pequenos esforços ao longo da duração da minha graduação e sempre demonstraram apoio. Também agradeço aos meus amigos de graduação, com quem pude compartilhar muitos pensamentos e também pela oportunidade de ser apoiado e também apoiar pessoas com um trajeto próximo ao meu. Além de muito amigos fora da graduação que ofereceram muita atenção e disposição à minha pesquisa e ao meu desenvolvimento ao longo do curso.

Obviamente sou extremamente agradecido à toda dedicação da Profa. Dra. Graziela Bortz, não somente pela orientação atenciosa, mas também pela empatia e paciência que sempre a acompanharam no desenvolvimento desta e outras pesquisas que fizemos juntos.

Agradeço também à banca, representada pela Profa. Dra. Lia Vera Tomás e à equipe técnico-administrativa que sempre deu o suporte necessário em tempos difíceis.

## Resumo

A Teoria E-S (BARON-COHEN, 2009), utilizada para identificar tipos cerebrais com prevalência no espectro autista, sugere um “cérebro masculino” e um “cérebro feminino” e com isso busca demonstrar que mulheres são mais empáticas do que homens, o que pode ser usado como justificativa para demonstrar que o comportamento masculino é diferente do feminino, diferença que possuiria fundamentação biológica. Porém a pesquisa reforça preconceitos patriarcais, buscando justificá-los como inerentes aos sexos sem justificar a construção social do indivíduo. Algumas pesquisas da área de música e cognição utilizam a pesquisa anterior como referência (GREENBERG et al., 2015; RABINOWITCH, 2015) e demonstram o quanto a primeira pode ser aproveitada sem impor um possível viés de gênero. Este estudo propõe apresentar um modelo transdisciplinar entre as áreas de música, empatia e masculinidade de acordo com o que existe na literatura e examina a literatura desses construtos sob o ponto de vista da cognição.

**Palavras-chave:** masculinidades, empatia, música, psicologia da música, cognição musical.

## **Abstract**

The ES Theory (BARON-COHEN, 2009), used to identify brain types prevalent on the autistic spectrum, suggests a “male brain” and a “female brain” and thereby seeks to demonstrate that women are more empathic than men, which can be used as a justification to demonstrate that male behavior is different from female, a difference that would have a biological basis. However, the research reinforces patriarchal prejudices, seeking to justify them as inherent to the sexes without justifying the social construction of the individual. Some research in the area of music and cognition use the previous research as a reference (GREENBERG et al., 2015; RABINOWITCH, 2015) and demonstrate how much the first can be used without imposing a possible gender bias. This study proposes to present a transdisciplinary model between the areas of music, empathy and masculinity according to what exists in the literature and examines the literature of these constructs from the point of view of cognition.

***Keywords:*** *masculinities, empathy, music, musical psychology, musical cognition.*

## Interfaces entre Música, Empatia e Masculinidades

<b>1 - Introdução</b>	<b>7</b>
<b>2 - Gênero, sexo e sexualidade</b>	<b>8</b>
2.1 - Masculinidades	13
<b>3 - Empatia e música</b>	<b>18</b>
3.1 - Transdisciplinaridade	21
<b>4 - Música, Empatia e Masculinidades</b>	<b>26</b>
<b>5 - Conclusão</b>	<b>32</b>
<b>Referências</b>	<b>35</b>



## 1 - Introdução

A seguinte pesquisa teve a motivação inicial voltada para a possível associação entre os estudos dos construtos de música, empatia e masculinidades e suas correlações, principalmente devido ao promissor desenvolvimento de conhecimento nessas três áreas, em especial o ainda muito frutífero campo de estudos sobre masculinidades, porém também acabou por encontrar pesquisas capazes de promover pensamento crítico à respeito da manutenção dos espaços de poder na academia e de epistemologias eurocêntricas, além de também explorar o conceito de transdisciplinaridade, que apresenta uma abordagem capaz de considerar diversos cenários capazes de produzir conhecimentos acadêmico-científicos. O modelo proposto busca, então, encontrar fatores em comum e em paralelo aos estudos que ocorrem entre e através da interação das áreas sugeridas.

Nossa hipótese é que, uma vez existindo correlação entre empatia e música, e entre empatia e masculinidades, existiria também uma correlação entre os três constructos. A pesquisa será feita com base na bibliografia de algumas bases de dados de áreas diferenciadas para buscar uma correlação entre elas.

O trabalho está subdividido em algumas sessões para que possamos expressar com maior precisão os recortes quanto às áreas de música, empatia e masculinidades (gênero). A primeira parte, “Gênero, sexo e sexualidade”, discorrerá sobre parte da história dos movimentos que buscam equidade de gênero e também sobre as bases patriarcais da epistemologia eurocêntrica, além de contar com um desenvolvimento sobre o conceito de masculinidades. A segunda parte, “Empatia e música”, apresenta como essas duas áreas do conhecimento e da pesquisa se associam e quais vantagens e dificuldades existem nessas relações, também fazendo um breve desenvolvimento sobre o conceito de transdisciplinaridades. Salientamos que não nos interessam em específico questões técnicas, analíticas, teóricas ou musicológicas relacionadas à música, mas sim as relações com a expressão musical, seja do indivíduo ou entre membros de um grupo. A terceira parte, “Música, Empatia e Masculinidades”, correlaciona os conceitos apresentados anteriormente em busca de provocar a reflexão sobre o uso dos três construtos-tema do trabalho para assim chegarmos às conclusões.

## 2 - Gênero, sexo e sexualidade

Normalmente o que nos atemos quando buscamos adotar uma pesquisa ou artigo em nossos trabalhos acadêmicos é a relevância do determinado trabalho mediado pela quantidade de citações, pelo consenso científico e/ou pela sua popularidade. Essa escolha está assegurada pela tradição acadêmica e pela cultura de pesquisa que adotamos, e essa é uma das questões que nortearão a presente pesquisa.

O autor Sam De Boise, autor do livro “*Men, Masculinity, Music and Emotions*” (2015), aponta para a questão histórica do movimento feminista e também para autores do campo acadêmico que avançaram no campo da diferenciação entre sexos. Dentre os principais autores fundamentais para essa questão, De Boise aponta para René Descartes, em especial em seu texto “*Passions of the Soul*” (1649), o qual argumenta que a alma está localizada numa pequena glândula no meio do cérebro que, por sua vez, se irradia para o resto do corpo através dos nervos e do sangue. Segundo De Boise, para Descartes o corpo possui um conector entre a alma e esse corpo que seria responsável pela ação, o que contribui para que o ser humano tenha um pensamento mais autônomo comparado ao comportamento fundamentalmente ditado pela vontade de Deus, assim implicando na separação entre a consciência e o corpo humano, com a primeira comandando o segundo. Este conceito é vital para o desenvolvimento do que viria a ser o pensamento iluminista nos séculos XVII e XVIII e também para semear a idealização de que corpos diferentes possam possuir jeitos diferentes de pensar (DE BOISE, 2015, p. 52).

Avançando para o século XIX, De Boise analisa Darwin em sua publicação “*The Descent of Man*” (1871) em que o autor sugere que as relações reprodutivas são complementares, porém diferentes. Com um estudo que utiliza uma metodologia observacional sobre as diferentes qualidades de animais machos e fêmeas, ele afirma que “mulheres aparentam se distinguir dos homens em disposição mental, principalmente por sua ternura e falta de egoísmo...” (tradução nossa<sup>1</sup>, p. 351) e também que “O homem é rival de outros homens; ele têm deleite na competição, o que o conduz para a ambição que caminha facilmente para o egoísmo.” (DARWIN, 1871, p. 351). É destacado por De Boise que essa declaração não apenas assume o ser “homem” como do sexo masculino, mas também impõe

---

<sup>1</sup> Todas as traduções não encontradas em português serão de nossa autoria.

uma visão naturalizada do papel de gênero sem apresentar contextualização desse recorte ou mesmo a percepção sobre o ser social.

Para De Boise, Darwin apresenta um passo inicial no estudo da possibilidade de uma construção sobre as origens biológicas das relações entre os sexos para os seres humanos. Uma das condições em que a biologia se baseia para justificar os diferentes comportamentos entre os sexos é o dimorfismo sexual, que se baseia nas diferenças entre os hormônios sexuais, a presença ou falta de um cromossomo Y, a anatomia reprodutiva interna e a genitália externa. Este dimorfismo é comum na maioria dos seres vivos, sendo que todos esses itens regulam o desenvolvimento corporal e influenciam no comportamento reprodutivo destes seres.

No artigo “A Natureza do Gênero” (*The Nature of Gender*, 1994), o sociólogo J. Richard Udry apresenta duas possíveis percepções teóricas sobre as construções sociais relacionadas à sexualidade dos indivíduos, sendo estas a teoria biológica e a teoria social. Em sua descrição sobre a teoria biológica ele define o termo “sexo” com base no dimorfismo sexual, sendo que a teoria social é ancorada pelas construções sociais que os seres mantêm, sejam movidas pela sua pré-determinação biológica ou não.

O artigo de Udry faz uma ponte entre as percepções calcadas na teoria iluminista, que mantém a natureza dos corpos como fonte indispensável para a formação dos papéis de gênero, com as insurgentes teorias feministas que buscam analisar as condições, experiências e papéis sociais esperados das mulheres e dos homens para enfim compreender a natureza da desigualdade de gênero.

A questão da identidade de gênero e da dualidade na discussão entre faculdades inatas ou adquiridas foram desenvolvidas até então com base em trabalhos como o de Udry que se inspiram, em parte, no pensamento sobre o desenvolvimento feminino de Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, 1949, p. 312). Aqui Beauvoir parte de uma premissa cultural e afirma que questões biológicas não podem definir o ser mulher, apesar de insinuar que isso não afete a humana *fêmea*, o que promove a dicotomia entre os papéis biológicos e sociais na formação do indivíduo.

A robusta pesquisa presente no livro “O Segundo Sexo” (1949) de Simone de Beauvoir pode ser considerada um marco para o momento de transição dos movimentos feministas da metade do século XX. Ela foi fundamental para a consolidar a teoria que

abrangeu a segunda onda do feminismo, antes marcada pelo movimento sufragista, e agora ampliando o debate para questões como a sexualidade, a família e o mercado de trabalho, além de traçar a opressão masculina sofrida pelas mulheres em diversos momentos históricos desde onde se havia registro até então. A autora também analisa o que seria necessário para tornar uma mulher realmente independente, e ao discorrer sobre os considerados “grandes homens” da história ela propõe que, para conseguir, a mulher deveria assumir um enorme fardo:

É o que uma mulher jamais fez, o que nenhuma pôde jamais fazer. Para encarar o universo como seu, para se julgar culpada de seus erros e vangloriar-se de seus progressos, é preciso pertencer à casta dos privilegiados; é somente a esses, que lhe detêm os comandos, que cabe justificá-lo, modificando-o, pensando-o, desvendando-o; só eles podem reconhecer-se nele e tentar imprimir-lhe sua marca. É no homem e não na mulher que até aqui se pôde encarnar o Homem (BEAUVOIR, 1949, p. 789)

No começo da década de 90, com a terceira onda do movimento feminista e a teoria *queer* em ascensão, os papéis de gênero passam a questionar a condição social do corpo e as normas implícitas nos sujeitos. Uma das pensadoras responsáveis pelo desenvolvimento e fomento dessa teoria é Judith Butler, que faz contraponto à frase de Beauvoir citada acima. Segundo Butler:

...Para Beauvoir, o gênero é “construído”, mas há um agente implicado em sua formulação, um cogito que de algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro... Não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o “ser” que se torna mulher seja necessariamente fêmea. Se, como afirma ela, “o corpo é uma situação”, não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais (BUTLER, 1990, p. 26)

O pensamento butleriano questiona, portanto, justamente o essencialismo da dualidade entre sexo e gênero e protagoniza a reflexão da nossa condição enquanto sujeitos sociais e sobre as diversidades. Assim, Butler também abre espaço para outras significações sobre as diversas convergências entre os atributos, ou núcleos, que um indivíduo apresenta entre suas relações, cultura e história, demonstrando em sua análise que “o sexo feminino não é uma ‘falta’ ou um ‘Outro’” (BUTLER, 1990, p. 32) relacionado invariavelmente ao sexo masculino, pois o sexo feminino é sujeito não *uno*. Estendendo a crítica ao trabalho de Beauvoir, Butler cita que Beauvoir “...não consegue marcar no eixo do gênero a própria

distinção corpo/mente que deveria esclarecer a persistência da assimetria dos gêneros”, sugerindo, assim, que as construções de gênero estão além do corpo e são atravessadas por um “imperialismo epistemológico”.

Sojourner Truth, uma abolicionista americana e ativista dos direitos das mulheres, apresentava seu discurso “*Ain't I A Woman*” em 1851, na “*Women's Convention*” em Ohio. Esse discurso apontava algumas das condições nas quais mulheres brancas tinham privilégios sobre mulheres negras, como a questão de mulheres brancas lutarem pelo voto e pelo direito de exercer atividades remuneradas, sendo que esse movimento não questionava a condição opressiva na qual as mulheres negras estavam inseridas. No trecho mais icônico, Truth diz:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, 1851, citada por PINHO, 2014)

Algumas das noções que pautaram os movimentos feministas deixavam de incluir as mulheres negras, fragmentavam a luta por mais acesso a direitos básicos e, mesmo após uma revisão teórica, ainda deixavam de incluir as questões interseccionais com o feminismo negro (BRAH, 2006, p. 352).

O movimento sufragista, que teve como uma de suas principais bases o pensamento iluminista francês, estava em ascensão na mesma época em que o discurso de Truth foi apresentado. O movimento reivindicava o direito ao voto feminino, porém é notável que fizesse um recorte racial, mesmo porque os teóricos advindos do pensamento iluminista apoiavam ainda algumas teorias eugenistas. De Boise traz destaque para outro trabalho de Darwin chamado “*The Expression of the Emotions in Man and Animals*” (1872) concentrado na importância das emoções para as sociedades humanas:

Muitos selvagens não reprimem tanto os sinais de medo quanto os europeus; E eles frequentemente tremem muito ... Com os selvagens, os músculos do esfíncter frequentemente relaxam, como pode ser observado em cães assustados, e como eu já vi com macacos quando aterrorizados por serem pegos. (DARWIN, 1872, p. 272)

De Boise ressalta na citação anterior que, para Darwin, os “selvagens” são, no geral, povos não-europeus e, principalmente, não-brancos que, por estarem mais distantes da civilização e da epistemologia européias, não eram legitimados como produtores de conhecimento dessa mesma forma. A tradição iluminista não questionava as origens e a multiplicidade de realidades sociais nas quais foram formados os moldes de seu conhecimento, e menos ainda questionavam o meio social onde seriam empregues e são estas algumas das teorias responsáveis por oferecer uma premissa à questão de desigualdade de gênero no meio acadêmico até hoje (CHASSOT, 2004; DE BOISE, 2015).

Assim como Sojourner Truth, Lélia Gonzales foi uma ativista e filósofa que desenvolveu pesquisas voltadas para a problemática da epistemologia europeia e da cultura negra no Brasil, que continua apoiando muitas das estruturas dominantes nas áreas sociais, científicas e acadêmicas. Trazendo tais questões para a realidade brasileira e utilizando-se de um dialeto popular para aproximar sua voz à de um leitor, ela diz:

...Por que será que tudo aquilo que o incomoda é chamado de coisa de preto? Por que será que ao ler o Aurélio, no verbete negro, a gente encontra uma polissemia marcada pelo pejorativo e pelo negativo? Por que será que “seu” Bispo fica tão apavorado com a ameaça da africanização do Brasil? Por que será que ele chama isso de regressão? Por que vivem dizendo prá gente se por no lugar da gente? Que lugar é esse? Por que será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo? Por que será que se tem “o preconceito de não ter preconceito” e ao mesmo tempo se acha natural que o lugar do negro seja nas favelas, cortiços e alagados? (Gonzales, 1980, p. 238)

Essas perguntas, deixadas em aberto, lançam críticas às questões raciais e socioeconômicas, que continuam a se manter na nossa cultura. Atualmente existem cada vez mais produções científicas que buscam trazer à superfície as muitas peculiaridades em relação à interseccionalidade e à maneira como e em que grau todas essas desigualdades são sofridas nos diversos contextos individuais e coletivos.

Para melhor compreendermos as questões relacionadas às problemáticas de gênero e assim fazer uma conexão com os outros construtos propostos (música e empatia) focaremos

no aspecto das diversas masculinidades, uma vez que é importante entender quais são as características desse construto na sociedade patriarcal.

## 2.1 - Masculinidades

A palavra “masculinidade” deriva da palavra do latim “mas” que significa “macho” e, no uso popular, por sua vez, refere-se às qualidades e características de um homem (MARTIN, FINN, 2010, p. 1). Já o significado de o que é ser homem pode variar de cultura para cultura, como analisa a antropóloga Margareth Mead no livro “Sexo e Temperamento” (1935) que comparou o comportamento de três povos na Nova Guiné nos anos 1930. Ela demonstra que duas dessas comunidades, apesar de terem comportamentos distintos entre elas, compartilhavam seu temperamento igualmente entre homens e mulheres, ou seja, homens e mulheres na comunidade Arapesh eram mais valorizados por apresentar um comportamento afetivo e gentil, enquanto na comunidade Mundugumor ambos valorizavam comportamentos competitivos e agressivos. Na terceira sociedade, os Tchambuli, havia uma inversão do que era visto como natural nas sociedades colonizadas por europeus da mesma época, ou seja, com homens sendo mais afetivos e mulheres mais competitivas.

O trabalho de Mead traz uma reflexão sobre as condições nas quais a filosofia e a cultura formaram o pensamento americano de sua época, que estabeleceu como *normal* a civilização com cultura e políticas baseadas na diferenciação do gênero. Fazendo um recorte para a influência deste modelo no Brasil, podemos dizer que ele também foi responsável pelo processo de “americanização” que o Brasil passou a adotar durante a ditadura do Estado Novo. O livro “O imperialismo sedutor” (TOTA, 2000) atenta para uma “fábrica de ideologias” criado pelo governo norte americano após a segunda guerra mundial, e segundo uma resenha do livro feita pela professora de sociologia Ana Cristina Braga Martes:

São Paulo, que, certamente, tem mais arranha-céus do que a maioria das metrópoles norte-americanas, perdeu a capacidade de atrair nossa população migrante. Contudo, o cinema norte-americano e os demais meios de comunicação ainda são capazes de atrair para aquele país centenas de milhares de brasileiros (MARTES, 2001, p. 80)

Essa associação da cultura americana com a brasileira reflete como a nossa cultura, antes influenciada em maior parte pela cultura européia e sempre em busca por uma identidade nacional, passou buscar as referências de comportamento como para ser uma

“outra América” (do norte) e, portanto, sugerimos que a nossa cultura, principalmente nas grandes metrópoles, têm aprendido parte das tradições relacionadas a gênero com base no comportamento norte americano.

O uso do termo “homem” é direcionado ao ser humano masculino, mas também ao termo homônimo usado na ciência para se referir ao “ser humano”, que está nos primeiros verbetes de qualquer dicionário. O uso da palavra “homem” nesta última condição merece destaque pois está relacionada à normalização do lugar do homem na produção científica, sendo que a mulher menos pertencente a esse lugar (BEAUVOIR, 1949). As questão da valorização da epistemologia masculina, europeia e branca na ciência apontada anteriormente por Lélia Gonzales pode também ser encontrada até hoje em estudos como o artigo do pesquisador Attico Chassot intitulado “A Ciência é masculina? - É, sim senhora!” (2004). Em seu texto, Chassot apresenta a questão da nossa tríplice ancestralidade para contextualizar as tradições científicas normalmente adotadas pela academia:

Talvez possamos concluir que a inculcação continuada de uma Ciência masculina se tenha fortalecido a partir de nossa tríplice ancestralidade: greco-judaica-cristã. Para cada uma dessas três raízes se traz tentativas de leituras; na grega: os mitos e as concepções de fecundação de Aristóteles; na judaica: a cosmogonia, particularmente a criação de Adão e Eva; e na cristã: aditada às explicações emanadas do judaísmo, a radicalidade de interpretações como aquelas trazidas por teólogos eminentes como Santo Agostinho, Santo Isidoro e Santo Tomás de Aquino, entre outros (CHASSOT, 2004, p. 16)

Além de um detalhamento sobre essa tríplice ancestralidade, Chassot também apresenta como as questões histórica e biológica explicam a manutenção dessas desigualdades (p. 22). A primeira analisa a imersão em que nos localizamos no presente, o quanto estamos distantes de desconstruir preconceitos milenares e o modo no qual a nossa cultura está passando por mudanças drásticas nos últimos 5 mil anos, comparados a toda a história da humanidade. Já a explicação biológica parte da premissa das diferenças biológicas da espécie humana e como a maternidade e paternidade possuem papéis muito diferentes, não apenas culturalmente, mas nas próprias funções de gestação, parição e lactação. Esse “ônus biológico” pesa significativamente na carreira acadêmica de cientistas mulheres. Para reforçar esse ponto, Chassot também apresenta como, a partir dos anos 70, os métodos contraceptivos servem como um mecanismo possível de combater essas desigualdades.



Se a nossa ancestralidade tem mantido um padrão de produção de conhecimentos que reforça estereótipos de gênero, como demonstra Chassot, é possível afirmar que outras esferas da sociedade também mantêm esses preconceitos?

O Instituto Avon é uma entidade que desde 2003 visa propor iniciativas de conscientização ao câncer de mama e enfrentamento da violência contra a mulher e em 2016, em parceria com o Instituto Locomotiva, apresentou os dados sobre uma pesquisa realizada entre setembro e novembro do mesmo ano. A pesquisa “O Papel do Homem na Desconstrução do Machismo” teve abordagem presencial e contou com 1800 entrevistados homens e mulheres (em proporção de 50% cada um) com 16 anos ou mais, em 70 municípios do Brasil (Instituto Avon, 2016). Segundo a pesquisa, 87% dos entrevistados consideram que ao menos parte da população é machista, porém apenas 24% dos mesmos entrevistados se consideram machistas (p. 10). Esse dado representa o quanto a percepção sobre a imagem do machismo é clara na sociedade e o quanto é vista como um termo negativo ou repulsivo. Por mais que estejamos caminhando rumo a períodos mais igualitários em questão de gênero, 89% dos entrevistados concordam com a afirmação de que mulheres negras sofrem ainda mais preconceito do que mulheres brancas.

No ano de 2020, estamos enfrentando a pandemia de COVID-19 e essa situação colabora para um aumento na visibilidade de diversas desigualdades. Um dos números mais expressivos está nos casos de violência doméstica, que destaca ainda mais a questão do machismo. Segundo uma nota técnica do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os registros de boletins de ocorrência atendidos classificados como de violência doméstica pela Polícia Militar no Estado de São Paulo, um dos mais atingidos pela pandemia, apresentou um aumento de 44,9% (de 6775 ocorrências para 9817), indicando que a violência doméstica e familiar está em ascensão neste período de isolamento (FBSP, 2020).

O conceito de masculinidade na cultura ocidental hoje em dia é atribuído por características que são comuns aos comportamentos que fazem parte da *Caixa do Homem*, como apresenta um relatório de uma pesquisa realizada em 2016 no Brasil organizada pela ONU Mulheres em parceria com o blog “Papo de Homem”. Dentre algumas das características notáveis citadas na pesquisa “Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero”, estão a prontidão sexual, a coragem, a força, a competitividade e a virilidade. Segundo o relatório:

A chamada Caixa do Homem é uma linha traçada em torno das expectativas de um ideal masculino, com formas e limites rígidos que oferece privilégios e ao mesmo tempo “aprisiona” os homens. Uma lista tão extensa que demanda deles um heroísmo artificial e inatingível (ONU Mulheres; blog Papo de Homem, p. 25, 2016)

Apesar dessas características serem encontradas claramente no comportamento masculino em diferentes comunidades, as mulheres são também responsáveis indiretas por manter essa estrutura. Em uma pesquisa voltada para a reflexão sobre o ideal masculino dominador da sociedade patriarcal e como o iluminismo reforça as estruturas patriarcais de poder, a educadora Simone Cabral Marinho dos Santos apresenta que:

Ainda que nos desliguemos da visão naturalista dos gêneros em função da construção social, longe do determinismo biológico, o feminino e o masculino encontram-se enraizados pela cultura machista e patriarcal, marcada pela virilidade sexual. O modelo tradicional masculino requer do homem frieza, insensibilidade, altivez, opressão, poder, força, virilidade, enfim, o que representa superioridade física e intelectual. Desde cedo são educados, inclusive pelas mulheres, para se tornarem agressivos, competitivos, provedores e intolerantes com a manifestação de sentimentos e emoções. Há certo temor de serem rotulados como “fracos”, caso manifestem algum comportamento que lembre o campo emotivo feminino (SANTOS, 2010, p. 56)

Contudo se faz necessário salientar que os homens brancos estão em posição de privilégio e são normalizados em nossa sociedade, como demonstra a pesquisadora Valeska Zanello em seu livro “Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação” (2018). A autora desenvolve o conceito de “dispositivos” que oferecem processos de subjetivação diferenciados em nossa cultura a depender, principalmente, do gênero, sendo tais processos mediados pelos dispositivos amoroso e materno, para as mulheres, e dispositivo da eficácia para os homens. O dispositivo amoroso implica na “relação consigo mesma mediada pelo olhar de um homem que as valide ou escolha” (ZANELLO, 2018), utilizando-se da beleza em busca do sentimento de ser desejada como capital matrimonial. O dispositivo materno está relacionado ao sentimento de cuidado naturalizado para mulheres, mesmo que estas escolham não ter filhos, sendo os homens os maiores beneficiados desses cuidados. O dispositivo da eficácia é definido pela virilidade sexual e laborativa, ou seja, o homem deve ser avaliado (por outros homens) como sexualmente energético e vigoroso, além de um eficiente trabalhador provedor. Existem ainda

diversos recortes interseccionais nessa área em relação à idade, etnia, tamanho do corpo, classe social, gênero, orientação sexual, se a pessoa tem alguma deficiência etc., que promovem, assim, uma reflexão quanto a quais privilégios temos em nossa posição na sociedade e a quais subjetividades estamos expostos.

Apesar das desigualdades mantidas até hoje, há também um modesto aumento nas pesquisas com a temática relacionada a gênero, racismo e LGBTQIA+ de autores homens dos anos 70 até hoje que vieram acompanhados da ascensão de autoras feministas da mesma época (WELZER-LANG, 2001; CONNELL, 2005; RIBEIRO, 2016; SILVA, 2018). Há um esforço ainda individualizado na sociedade presente em grupos pontuais de reflexão sobre masculinidade, como o Papo de Homem, citado anteriormente, com o objetivo de refletir e promover ações em busca de masculinidades mais saudáveis e que entendam o conceito de abrir mão de alguns privilégios para isso, mas pouco esforço institucional que vise dar apoio a esse movimento.

Podemos apontar algumas das características associadas à masculinidade hegemônica em nossa sociedade, como por exemplo:

- heterossexualidade
- virilidade
- competitividade
- ser impositivo
- ser trabalhador
- ser corajoso
- não errar
- ser dominante em relação à mulher

Com isso também acreditamos que com o avanço da ciência há de se ter o cuidado para realizar uma leitura dos dados que questione também o viés das pesquisas, como discutiremos com mais detalhes posteriormente.

### 3 - Empatia e música

A empatia pode ser entendida como a faculdade de perceber e reverberar um sentimento de um determinado ser. Simpatia, por sua vez, é a percepção e compreensão de um sentimento de outro ser, porém sem que esse sentimento afete emocionalmente o observador. A capacidade de ser empático não é exclusivamente humana, e esta característica faz com que a validação de estudos biológicos comparativos às outras espécies sejam considerados como um reforço para as teorias que correlacionam empatia a traços biológicos (DE WAAL, 2007). No exercício da empatia, nós mantemos a consciência dos nossos sentidos e ao mesmo tempo entramos em um esforço imaginativo que busca compreender como o outro está sentindo e vivenciando o mundo, tendo uma compreensão do que é semelhante e também aceitando as diferenças, nos apropriando da situação enquanto observadores (LAURENCE, 2008). Na simpatia, por outro lado, há apenas uma resposta sobre o sentimento do outro, normalmente expresso numa atitude de reação a esse sentimento quando percebido (DE WAAL, 2007). Algumas das pesquisas citadas adiante pertencem aos campos da psicologia e biologia, outras aos campos sociais, antropológicos e neurocientíficos.

A aptidão para compreender o estado emocional de uma outra pessoa a partir do ponto de vista do indivíduo observado é mediada pela percepção e experiência do observador (PUTMAN, 1994). A relação desse conceito com a música tem sido abordada em estudos sobre empatia, utilizando-a como catalisadora ou mesmo uma ferramenta capaz de promover alterações fisiológicas e comportamentais nas pessoas. Apesar disso, a heterogeneidade de significados para diferentes fazeres musicais torna a interpretação dos dados enviesada e contextual, sendo que parte da literatura foca na estrutura e correlação externas à música, e menor parte examina o contexto e o efeito de determinados fazeres musicais (RENTFROW, 2011).

Para as disciplinas de musicologia, psicologia da música, sociologia da música e etnomusicologia, a empatia tem sido utilizada como uma forma de descrever capacidades de vínculo, formação de identidade e outros efeitos sociais (CLARKE et al., 2015). Clarke comenta que com a descoberta dos neurônios-espelho houve também um crescente interesse em como a relação entre percepção e ação ocorre no sistema nervoso central. Os neurônios-espelho são localizados em áreas sensório-motoras do cérebro que se ativam quando o indivíduo observa uma ação passivamente, ação esta que ativa a área regulada por

esses neurônios. Gallese (2003) enfatiza que essa é apenas uma simulação produzida pelo cérebro, não sendo possível ter a experiência plena dessa ação quando comparada àquela do indivíduo que está sendo observado, uma vez que a experiência do observador funciona como um filtro acionado a partir de sua biografia.

Até a descoberta dos neurônios-espelho, esse funcionamento era tido como uma função enraizada no cérebro de forma estável, porém Heyes (2010) argumenta que é possível que o desenvolvimento dos neurônios-espelho aconteça através de processos associativos ao longo da vida de indivíduos. A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que as experiências sensorio-motoras originadas por esses neurônios são produto de interações sociais, que por sua vez servem para favorecer essas mesmas interações.

Os estudos do ramo da neurociência encontraram na música uma enorme soma de possibilidades para o seu próprio desenvolvimento, porém isso não acontece exclusivamente com essa área. As áreas de psicologia e sociologia também encontram na música um meio de estudar padrões de comportamento, como discutiremos a seguir.

A psicologia comportamental foca o estudo nas manifestações de vínculos sociais assim como os motivos que levam a essas manifestações com a música, caracterizados principalmente pela sincronicidade e pelo mimetismo (DE WAAL, 2007). Segundo o pesquisador, o núcleo da empatia está proposto no “*perception-action model*” (PAM), cuja proposta é baseada na suposição de que a conexão existente entre percepção e ação que nos ajuda a tomar atitudes no âmbito individual, também está presente no âmbito social. Esse modelo demonstra que a empatia é significativamente modificada pelas representações e pelo aprendizado social por meio de um desejo de agir como outros indivíduos com os quais nos identificamos. Para de De Waal a identificação com o outro é central para o desenvolvimento de empatia, como no caso de filhotes fêmeas de chimpanzés que ao aprender a utilizar varetas para alcançar formigas num formigueiro são mais precisas do que os filhotes machos ao realizar a mesma ação. A lógica é semelhante à sensação que temos quando começamos a participar de um grupo com pessoas desconhecidas e então buscamos proximidade com alguém que tenha algum traço semelhante ao nosso, seja no modo de vestir, de falar ou de se portar, também podendo estar relacionado com etnia, sexo e orientações políticas.

A música entra em relação com esse escopo oferecido pelas pesquisas citadas anteriormente a partir do conceito da expressão humana. Alguns pesquisadores propõem que a expressão musical, por apresentar semelhanças com a expressão natural de emoções, pode ser

capaz de criar uma “personagem virtual” com a qual temos a capacidade de corresponder emocionalmente e, portanto, empaticamente (WATT, 1998). Isso torna-se claro na pesquisa realizada por Van den Tol e Edwards (2013) cuja proposta foi demonstrar o motivo pelo qual ouvimos músicas tristes enquanto nos sentimos tristes. Para os participantes da pesquisa, escutar a música em si causava um sentimento de apoio, de compreensão e de empatização com as circunstâncias que fez com que se sentissem sozinhos, como se tivessem um amigo compartilhando esse momento.

Ainda sob uma perspectiva sociológica, é possível detectar que a música tem a capacidade de regular e compartilhar emoções em contextos coletivos. Segundo Krueger (2015) através de processos de autorregulação e mimetização, a música facilita o compartilhamento de ideias e coesão social como uma forma de empatização pública, produzida por meio de movimentos corporais, expressões faciais, gestos, vocalizações e outras interações em um público ouvinte. É notável o caso da apresentação de Gilberto Gil, músico e, na época Ministro da Cultura, na sede da ONU em Nova Iorque em Setembro de 2003. O então Ministro fez uma apresentação musical em memória às 22 pessoas que morreram num atentado à sede da ONU em Bagdá e além de envolver todos participantes na apresentação dançante, ainda convidou Kofi Annan, ex-Secretário Geral da ONU, para tocar atabaque. Essa experiência é um exemplo entre vários tipos de aglomeração que têm a música como prática comum e que são muito usuais na nossa sociedade, responsável por causar uma sensação de proximidade afetiva mesmo com pessoas desconhecidas.

Há também uma perspectiva cultural que é atravessada pelas teorias apresentadas até aqui. Um estudo publicado em 2017 (VUOSKOSKI; CLARKE; DENORA) demonstra que a escuta de estilos musicais associados a uma determinada cultura podem diminuir o preconceito e melhorar outras atitudes implícitas direcionadas às imagens que representam membros dessa cultura, principalmente em pessoas com um alto nível de empatia comportamental. A pesquisa foi realizada no Reino Unido com 61 participantes, em sua maioria brancos (82%), e os expôs a 3 trilhas de música popular de origem indiana e mais 3 de origem do Oeste Africano. Um teste de associação implícita (IAT) foi utilizado para medir a associação entre conceitos e atributos de maneira implícita, ou seja, conceitos que os participantes poderiam preferir por não admitir, como preconceito racial. A pesquisa aponta que a música, por ter algumas características que estimulam a sincronicidade e induzem a uma ressonância afetiva e motora (como organização temporal, independência entre vozes e

propriedade vocais e gestuais) é capaz de promover empatia e um comportamento pró-social. É comum em nossa cultura presenciar situações em que uma pessoa diz desaproveitar um determinado estilo musical por questões quaisquer e quando essa mesma pessoa se encontra em um ambiente diferente, como uma apresentação musical ou uma festa, ela passa a deixar de criticar e se deixa envolver no movimento gerado pela música.

Podemos, neste momento, traçar algumas características que se destacam nos estudos que relacionam música e empatia:

- identificação
- autorregulação
- mimetização
- aculturação
- associação
- sincronicidade
- capacidade de vínculo
- capacidade de escuta

Todas essas perspectivas que utilizam a música como fonte para um estímulo à empatia em diversas linguagens e dentro de várias disciplinas nos ajudam a compreender a capacidade multifacetada da música, o que torna necessário um breve resumo sobre transdisciplinaridade e como esse conceito pode nos ajudar a compreender fazeres humanos e artísticos que, mesmo sob diferentes abordagens, têm o potencial de construir epistemologias mais próximas da realidade humana. A seguir desenvolvemos esse tema.

### **3.1 - Transdisciplinaridade**

A tradição acadêmica que escolhemos seguir na metodologia de pesquisa, também baseada na epistemologia européia, fragmenta o conhecimento em áreas e subáreas, como ciências exatas, humanas, linguística, letras e artes etc. que, por sua vez, têm suas ramificações em diferentes disciplinas e especializações administradas ao longo de determinados cursos. Essa estrutura do modo de pensar é derivada do cartesianismo, um movimento intelectual desenvolvido pela filosofia de René Descartes, que se baseia no exercício do raciocínio como fonte para gerar conhecimento sobre as ciências naturais, assim como infere que a mente está totalmente separada do corpo. O cartesianismo “direciona o olhar das pessoas exclusivamente para o que é objetivo e racional, desconsiderando a dimensão da vida e da cotidianidade (sic): a emoção, o sentimento, a intuição, a sensibilidade e a corporeidade” (SANTOS, 2005, p. 1). Ainda segundo Santos:

A ciência especializada não explica a vida. Esta só adquire sentido ao ser contextualizada através de todos os saberes acumulados, reconhecendo o direito de cada ser humano, qualquer que seja sua verdade, religião, sexo, cultura e raça de existir e habitar este planeta, convivendo e contribuindo, respeitando e sendo respeitado pelas diferenças individuais e grupais (SANTOS, 2005, p. 2)

O texto citado acima provoca a reflexão da nossa falta de capacidade de nos desconectarmos do nosso corpo e da nossa realidade e, assim, apresenta um resumo do conceito transdisciplinar, sendo este uma abordagem ou um “modo de pensar” que se baseia na pluralidade do pensamento. Neste conceito, o conhecimento é atravessado por todas as complexidades que são inerentes ao ser humano e, assim sendo, mesmo um fazer científico baseado puramente na lógica é incapaz de compreender a contextualização de todo o sistema que os resultados vão apresentar numa experiência real.

Segundo Basarab Nicolescu, autor de “O Manifesto da Transdisciplinaridade” (1999), o prefixo “trans” representa o que está *entre*, *através* e *além* de qualquer disciplina, e o objetivo deste conceito é a compreensão do mundo presente de maneira que essas disciplinas sejam complementares (NICOLESCU, 1999). Essencialmente a teoria transdisciplinar apoia-se em três pilares, sendo estes:

- Considerar níveis de realidade: aqui há a crítica sobre o paradigma da modernidade, que revela que a soma da análise de várias partes de um mesmo construto não é capaz de representar o todo. Este conceito busca considerar vários níveis de realidade a partir de uma conceituação multidimensional;
- A lógica do terceiro termo incluído: esta permite a construção de um sistema aberto e coerente que “transgride as fronteiras epistemológicas de cada ciência disciplinar e constrói um novo conhecimento ‘através’ das ciências, um conhecimento integrado em função da humanidade...” (SANTOS, 2005). Para explicar esse termo, Nicolescu faz uma comparação com o saber popular de que “um bastão sempre têm duas extremidades”, implicando a tese de que a tensão entre os opostos promove a unidade que os inclui;
- A complexidade dos fenômenos: este pilar apresenta a complexidade das relações que existem entre todas as áreas do conhecimento científico sem isolá-los da cultura, esforçando-se assim para não depreciar a análise sobre o sujeito. Neste ponto há a reflexão sobre a complexidade dos estudos dos sistemas naturais que, sendo produzidos pelo nosso modo de pensar, são complexos em sua própria natureza.



Compreender os níveis de realidade se torna então necessário para que possamos ter uma leitura mais horizontal de todos os aspectos cognitivos, psicológicos e sociais apresentados em suas relações com a música, o que também deixa espaço para questionarmos se é possível arranjar contribuições com outras áreas, correlatas ou não. É possível fazer uma análise sobre uma pesquisa da área da neurociência, como a pesquisa de neurônios espelho de Heyes (2010), citada anteriormente, com relação direta a uma pesquisa da área da sociologia e filosofia, como nos pensamentos apresentados por Gonzales (1980)?

A lógica do terceiro termo incluído colabora para que possamos exercitar uma visão não binária sobre a perspectiva que adotaremos, mesmo que os conceitos apresentados estejam colocados em contraposição direta, como o caso da pesquisa de Udry (1994) que apresentava um viés social e um viés biológico nos estudos de gênero de maneira contrapontística. Nessa lógica, reside o conceito de “entre, através e além” das disciplinas, assim promovendo o pensamento de que determinado campo teórico possa representar mais do que ele delimita, por exemplo: seria possível que numa aula de história houvesse uma associação com a sociologia e/ou filosofia sem que essa aula abandonasse o escopo proposto para a aula? Afinal, o quanto seria viável nos limitarmos em certos campos do saber se entendêssemos que um determinado conhecimento atuaria somente num campo teórico e impessoal?

A complexidade dos fenômenos esclarece o porquê de algumas teorias, mesmo apoiadas sobre pesquisas aparentemente robustas e rigorosas do ponto de vista científico, nunca poderão representar o todo de uma determinada realidade. Uma aplicação desse conceito na realidade brasileira foi o movimento eugenista que se desenvolveu no começo do século passado e cuja principal proposta foi a de reformulação ideológica quanto ao significado de “raça” para o brasileiro, no ímpeto de promover conceitos de higiene pública, branqueamento racial e o mito da democracia racial (STEPAN, 2004). No final da década de 1920 no Brasil:

A maioria dos eugenistas era formada de médicos, não de cientistas pesquisadores praticantes, o que não é de surpreender em um país onde a carreira profissional de pesquisa científica acabara de ser institucionalizada e onde a medicina era um caminho normal para o status profissional. Como médicos, a maior parte dos eugenistas brasileiros estava na prática clínica;

poucos tinham conhecimentos de primeira mão sobre genética, ou sequer liam alemão ou inglês fluentemente (STEPAN, 2004, p. 361)<sup>2</sup>

Ainda segundo Stepan: “o atrito racial e social no Brasil, ao final da década de 1920 e na de 1930, constituíram o contexto no qual a eugenia teve condições de sobreviver” (STEPAN, 2004, p. 380). Ou seja, apesar de haver um grande movimento legitimado nacionalmente como uma ciência em desenvolvimento, a eugenia mostrou-se como uma proposta científica falha e infeliz por, entre diversos motivos, não considerar a complexidade social de um Brasil que havia apenas em 1888 abolido a escravidão, deixando as pessoas escravizadas sem meio para se educar ou ter condições de vida plena, o que não ocorreu sem a conivência de interesses das classes dominantes.

Outra colocação quanto à complexidade dos fenômenos, e que faz ponte com as questões de gênero abordadas neste trabalho, é encontrada em Lauretis (1987). A pesquisa da autora desenvolve a teoria das tecnologias de gênero, apresentando, por exemplo, o cinema como uma forma, não apenas de tecnologia social, mas como uma tecnologia de gênero, que constrói a mulher como uma imagem cuja descrição estética e filosófica estaria subjacente à representação do corpo feminino (LAURETIS, 1987). Ainda segundo a autora:

...a construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero (p. ex., o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e “implantar” representações de gênero (LAURETIS, 1987, p. 228)

Os seguintes esquemas são utilizados por Naomar de Almeida Filho (1997) para ilustrar como interagem a multidisciplinaridade, a justaposição de disciplinas num único nível, sendo que cada círculo representa uma disciplina (Fig. 1):

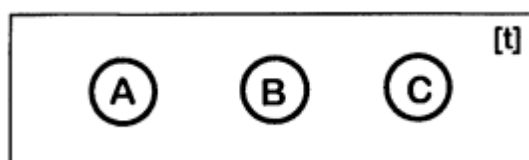


Figura 1. Multidisciplinaridade

<sup>2</sup> Na década de 1920, “Ainda não havia nenhum departamento de ciências nas universidades brasileiras, e o trabalho biológico restringia-se às escolas de medicina, aos institutos agrícolas ... e ao Instituto Oswaldo Cruz, fundado em 1902 ... que talvez fosse então o mais conhecido centro de pesquisa médica da América Latina (Stepan, 1976)”.

E aqui vemos o exemplo da transdisciplinaridade e sua interação das disciplinas entre si e com o meio no qual estão inseridas em diversos níveis, não necessariamente hierárquicos (Fig. 2):

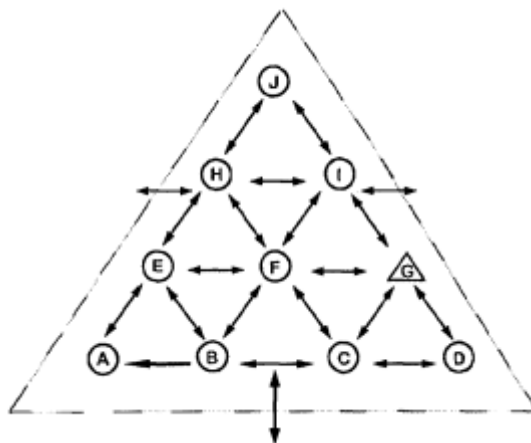


Figura 2. Transdisciplinaridade

Enfim, a visão oferecida por esses aspectos que compõem a transdisciplinaridade colabora para que não sejamos alvo de um pensamento cientificista, ou seja, um pensamento que afirme que a ciência é uma forma superior e inquestionável a outras formas de compreensão humana, como filosofia ou religião, ao percebermos que quaisquer métodos científicos são interpelados por diversos vieses.

Uma das propostas da presente pesquisa, ao abordar um modo de pensar transdisciplinar, é não apenas refletir sobre a convergência de uma variedade de fatores atribuídos a uma produção acadêmica que se utiliza de determinadas áreas do conhecimento, mas também reconhecer e analisar, em sua revisão bibliográfica, que a ciência pode ser parcial quando entra em conflito com fatores complexos ou quando confrontada com a realidade fora da discussão cartesiana do conhecimento.

Com isso em mente, prosseguiremos para algumas reflexões que trarão como base uma conjunção dos construtos de música, empatia e masculinidades na próxima parte da pesquisa. A música como expressão prática e escuta estará presente como mediadora em parte da resposta da análise a ser apresentada, enquanto a empatia protagonizará a essência da discussão, e as masculinidades e questões de gênero serão as lentes pelas quais avaliaremos a problemática proposta.

#### 4 - Música, Empatia e Masculinidades

Se pretendemos entender a complexidades dos fenômenos e também a pesquisa científica como diversa, mesmo que estejamos nos aprofundando principalmente em no tema de gênero, devemos lembrar dos três pilares da transdisciplinaridade para que não nos enganemos ao considerar alguma contraposição teórica como representante de um todo. Vamos então apresentar alguns estudos que serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para introduzir esse conceito, utilizaremos como exemplo uma breve análise sobre o livro “*Why Men don’t Listen and Women can’t Read Maps*” dos autores Barbara e Allan Pease (2002). No livro, o casal Pease utiliza-se da análise de fMRI (Imagem por Ressonância Magnética Funcional) para declarar que o cérebro masculino funcionaria de maneira mais compartimentalizada, ou organizada, o que o torna capaz de alternar facilmente entre esses compartimentos sem que haja algum tipo de obstrução nesse processo, em comparação ao cérebro feminino, que, por sua vez, seria mais ofuscado por emoções. Assim, Pease e Pease (2002) sugerem que o cérebro feminino sofre mais tendência a usar as emoções para guiar suas ações, questão que já foi superada e pode ser hoje interpretada como equivocada após analisarmos algumas pesquisas como a que apresentaremos a seguir.

Para responder à questão anterior, destacamos aqui uma pesquisa na área de neurociência realizada em 2014 (INGALHALIKAR et al., 2013) com DTI que colheu amostras de 949 crianças e jovens de 8 à 22 anos (428 homens e 521 mulheres) de diversas etnias e descobriu algumas diferenças únicas na questão do desenvolvimento cerebral quanto ao sexo nos processos de conectividade do cérebro. Segundo a pesquisa, o cérebro feminino apresentou mais atividade inter-hemisférica, ou seja, atividade que ocorre entre ambos os hemisférios cerebrais, enquanto o cérebro masculino apresentou maior atividade intra-hemisférica, ou seja, atividades que ocorrem em apenas um hemisfério. Além disso, como uma diferença fundamental na formação dos cérebros, os resultados também demonstram que apesar de mulheres desempenharem resultados mais elevados em relação à atenção, memória facial e cognição social, e homens terem maiores resultados em relação a processamento espacial e velocidades motora e sensório-motora, essa diferença se deu sobretudo nos recortes de 12 à 14 anos de idade. Assim sendo, também é constatado na pesquisa que as diferenças cerebrais entre homens e mulheres decaem em idades adultas,

acima dos 22 anos, o que sugere que fatores ambientais possam ter um papel mais importante do que diferenças inerentes ao sexo.

Partindo para um estudo que se popularizou no estudo da empatia, e que apresenta uma contraposição de ideias, é a “Teoria da Empatização e Sistematização” (BARON-COHEN, 2009) que se utiliza de um estudo quantitativo para apontar diferenças no tipo de percepção que as pessoas têm do mundo e mensurar a prevalência de autismo e síndrome de Asperger. A teoria serve como uma régua para indicar o quanto uma pessoa tende a ser mais empática (E) ou sistemática (S), sendo que as pessoas dentro do espectro autista tendem a ser do tipo sistemático. O resultado da análise sobre estas duas dimensões revela o estilo cognitivo ou o “tipo cerebral” do indivíduo. A teoria foi desenvolvida a partir da aplicação de um questionário *online* de cento e vinte perguntas e resulta em cinco possíveis “tipos cerebrais”, sendo estes:

- Tipo E Extremo (E >> S): indivíduos com empatia acima da média, mas que têm dificuldade com a sistematização;
- Tipo E (E > S): indivíduos com empatia mais acentuada do que a sistematização;
- Tipo B (S = E): indivíduos com ambos os dados equilibrados;
- Tipo S (S > E): indivíduos com sistematização mais acentuada do que a empatia;
- Tipo S Extremo (S >> E): indivíduos com sistematização acima da média, mas que têm dificuldade com a empatia.

Com essa contraposição, Baron-Cohen apresenta que não só há uma prevalência de pessoas do tipo “S Extremo” dentro do espectro autista, mas que também essa maioria é de homens (65%), apesar de haver tanto homens quanto mulheres autistas nesse tipo cerebral. O pesquisador também usa os dados de sua pesquisa para expor que 54% dos “cérebros tipo S” são homens e que 44% dos “cérebros tipo E” são mulheres, configurando a maioria. Aqui, além de apresentar algumas diferenças fisiológicas entre o cérebro masculino e feminino, estes dados reforçam uma teoria de 2002 desenvolvida também pelo mesmo pesquisador chamada “Teoria do Cérebro Extremo Masculino”.

No artigo citado são demonstrados com mais detalhes as classificações de Sistematização e Empatização e, devido à prevalência quanto ao sexo, o autor adota os títulos

de “Cérebro Extremo Masculino” para o Tipo S Extremo e “Cérebro Extremo Feminino” para o “Tipo E”. Como “...a sistematização é um conceito novo e precisa de um pouco mais de definição” (BARON-COHEN, 2002, p. 248), o autor apresenta uma sequência de diferenças entre os modelos cerebrais de maneira buscar uma caracterização entre esses tipos cerebrais. Entre uma lista de dezesseis itens para delinear o modelo do cérebro feminino e treze itens contrários para o modelo do cérebro masculino, destacamos:

Mais mulheres valorizam o desenvolvimento de relacionamentos altruístas e recíprocos, que por definição requerem empatia. Em contraste, mais homens valorizam o poder, a política e a competição (BARON-COHEN, 2002, p. 249)

E também:

Alguns ofícios são quase inteiramente masculinos. Isso inclui metalurgia, fabricação de armas, fabricação de instrumentos musicais ou indústrias de construção, como a construção de barcos. O foco dessas ocupações está na construção de sistemas (BARON-COHEN, 2002, p. 250)

É evidente que Baron-Cohen é um estudioso do campo da empatia pois apresenta pesquisas que buscam comprovar a validade de todos esses itens, porém, entre essas, dezenove são autorreferências. Também, sobre a escolha da nomeação do “Tipo S Extremo” como “Cérebro Extremo Masculino”, devemos questionar a prevalência de mulheres não-diagnosticadas dentro do espectro autista dentro da nossa sociedade.

Uma pesquisa realizada na Suécia com 342 mulheres (cisgênero e transgênero) de 18 à 80 anos apresenta que cerca de 80% das participantes tentaram camuflar comportamentos que poderiam identificá-las como autistas “algumas vezes” ou “sempre” na idade adulta (WISKERKE et al., 2018). Algumas dessas disseram ter sofrido *bullying* ou relataram terem sido educadas a reprimir movimentos repetitivos, caracterizadores de autismo, durante a infância e descrevem diversas formação de punição a ponto de desenvolver um grande cuidado e consciência das consequências que poderiam sofrer ao demonstrar esse tipo de comportamento.

Cordelia Fine aponta diversas críticas à trabalhos como o de Baron-Cohen em seu livro chamado “*Delusions of gender: The real science behind sex differences*” (2011) onde cunhou o termo “neurosexismo”, apontando questões relacionadas à forma como os dados

são utilizados por pesquisadores, principalmente da área de neurociência, e como acabam por reforçar estereótipos de gênero, em vez de combatê-los.

Entendemos como uma escolha equivocada, portanto, classificar um tipo cerebral como “masculino” se essa condição apresentada e outras não estão explícitas. A leitura sobre os dados oferecidos na pesquisa de Baron-Cohen gera discussões na academia em relação ao tema de faculdades inatas e adquiridas e também impulsiona o debate sobre *neurociência da diferenciação entre sexos*. Essa ramificação da neurociência tem origem na anatomia em trabalhos como o de Emil Huschke, que em 1854 demonstrou que a massa do lobo central masculino é cerca de 1% maior que o feminino. No século XIX, o debate progrediu para o estudo do dimorfismo sexual, como apresentado anteriormente, e também, mais recentemente, através do uso de técnicas mais avançadas de ressonância magnética como DTI (Imagem de Tensor de Difusão), RMf (Imagem por Ressonância Magnética Funcional) ou PET (Tomografia por Emissão de Pósitrons). Através dessas novas técnicas é possível encontrar resultados em tempo real das mudanças de sinal no tecido cerebral, o que vem auxiliando no entendimento dos mecanismos relacionados ao funcionamento cerebral, cognição, assim como nos procedimentos mentais (MAZZOLA, 2009).

Outro ponto que gostaríamos de apresentar quanto à pessoa de Simon Baron-Cohen é que tem se tornado bastante referenciada nos últimos anos (cerca de duzentas mil citações, segundo o Google Acadêmico, consultado em 17 de Setembro de 2021). Aqui, vamos apresentar duas pesquisas do campo musical que se basearam nessa fonte.

A primeira pesquisa é “*Musical Preferences are Linked to Cognitive Styles*” de autoria de David M. Greenberg (2015), pesquisador do departamento de psicologia da universidade de Cambridge, como Baron-Cohen, que usa um modelo de Peter J. Rentfrow desenvolvido em 2011. O modelo utiliza-se da sigla “*MUSIC*” para caracterizar alguns fatores das preferências musicais do ouvinte, sendo:

- M : *mellow* ou música com estilo suave e relaxante;
- U : *urban*, dirigido a músicas com rítmica e percussão marcantes, como rap ou funk;
- S : *sophisticated*, representado por música clássica, operística ou jazz;
- I : *intense*, definido por música forte, com volume alto e energética;

- C : *campestral*, que compreende uma variedade de estilos e mais frequentemente música country.

O estudo demonstra a variedade de funções que a apreciação musical pode estimular, como concentração, produtividade, conforto, inspiração, sincronicidade etc., e busca desenvolver uma maneira de caracterizar e informar o entendimento que temos sobre a natureza da preferência musical de um indivíduo. É importante salientar que a pesquisa não se propõe a delimitar estilos musicais, como *rock* ou *jazz* especificamente, mas sim as sensações que diferentes músicas enquadradas num mesmo estilo ou não possam causar. Segundo a pesquisa, “A música é multifacetada: é composta por propriedades auditivas específicas, comunica emoções e tem fortes conotações sociais” (RENTFROW, 2011), o que demonstra que as preferências musicais estão ligadas a diversas facetas. Assim sendo, Greenberg busca utilizar esse modelo em sua pesquisa para “investigar a base cognitiva e afetiva das preferências musicais, pedindo às pessoas que relatem suas reações preferenciais a estímulos musicais” (GREENBERG et al., 2018).

Contudo, quando a pesquisa apresenta um recorte relacionado às diferenças quanto aos gostos musicais entre mulheres e homens, apenas correlações parciais foram encontradas. Segundo o pesquisador:

Como pode ser visto, as correlações entre empatia e preferências musicais nas amostras retém a sua força e direção para todas as preferências musicais quando feito o recorte por sexo. Essas descobertas sugerem que as associações entre empatia e preferências musicais são robustas e independem das diferenças de sexo. (GREENBERG, 2018, p. 8)

Ou seja, no recorte do sexo do participantes, a interação entre música e empatia, neste determinado contexto, pode sugerir que as diferenças de empatização não estão relacionadas diretamente ao sexo do indivíduo.

O título da segunda pesquisa apresentada é “How, Rather Than What Type of, Music Increases Empathy”, de 2015 da autora Tal-chen Rabinowitch. O artigo é curto, porém sucinto ao utilizar a teoria E-S como modelo para caracterizar os estilos cognitivos de acordo com as tendências à empatização ou sistematização, porém com o foco em pensar na empatia como um modo de se tornar mais sensível ao fazer musical de outras pessoas. Para isso a autora analisa a sincronicidade, tal qual apresentada anteriormente por Krueger (2015), ao sugerir que há um crescente número de estudos que demonstram que a sincronização à partir de



batidas, como em exercício com instrumentos rítmicos, têm um papel importante no desenvolvimento de percepção social, cooperação e associação. Ou seja, este fazer rítmico não apenas auxilia o indivíduo a se ajustar ao ritmo e movimentação de um outro, mas também ajuda esse a se alinhar com a intencionalidade e outras dinâmicas interpessoais. A pesquisa sugere, então, que em um contexto síncrono de fazeres musicais essa cooperação e percepção social podem ser mais relevantes para estimular a empatia.

## 5 - Conclusão

Ainda restam possibilidades de interações a serem analisadas para que possamos ter uma compreensão mais aprofundada sobre os efeitos da música no cérebro e também se o cérebro, em um contexto empático ou não, apresenta mudanças significativas em relação ao sexo do indivíduo, porém já podemos avaliar algumas questões interessantes nesse escopo. Entre elas, destacamos a variedade de funções cognitivas, sociais e psicológicas que a música exerce quando associada à empatia, como citamos anteriormente no capítulo “Empatia e Música”, e como essas funções podem apresentar diferenças quanto ao sexo, embora indaguemos se essa associação pode estar relacionada à idade e aculturação dos indivíduos e, portanto, ao gênero, como problematiza Ingahlakar. Também notamos que as diversas características envolvidas na correlação entre empatia e música podem ser inversamente correlacionadas às características da masculinidade hegemônica em nossa sociedade. Assim, as dimensões de empatia e música, conjuntamente, podem afetar o modelo de masculinidade tal como é construído socialmente no ocidente. Em outras palavras, por meio do viés transdisciplinar, podemos sugerir que a interação entre música e empatia causa efeitos no construto de masculinidade, como demonstramos na Figura 3.

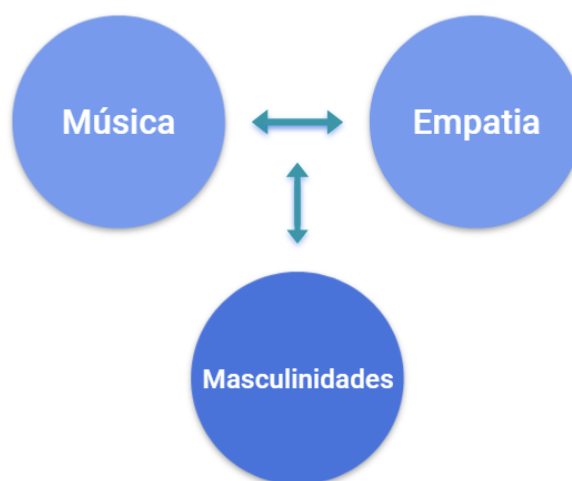


Figura 3. Interfaces entre Música, Empatia e Masculinidades

A academia, ou alguns recortes dela, continua dando vazão a uma visão eurocêntrica, branca e patriarcal da pesquisa científica, não apenas na análise, mas também em toda a estrutura de acesso. Isso significa dizer que a instituição, ainda por algumas décadas,

provavelmente, continuará a apresentar resistência a outras epistemologias, pois mesmo o rápido desenvolvimento tecnológico ainda não foi capaz de corrigir as heranças centenárias que nós ajudamos a manter ao não contestar esse modelo de produção acadêmica produtivista, focado principalmente no fator de impacto e na quantidade de artigos publicados (MARQUES, 2021)<sup>3</sup>. Questionamos, portanto, as análises alheias às realidades sociais, políticas e econômicas, ainda que a validade dos construtos possa ser promovida por protocolos controlados e reconhecidos como rigorosos pelas ciências biológicas e exatas, e que suas tecnologias sejam altamente sensíveis e eficazes. Como a transdisciplinaridade pode oferecer outras perspectivas sobre esses dados?

Também percebemos que pode ser necessário exigir mais cuidado por instituições dominadas por homens brancos, que produzem conhecimento científico para que busquem não preservar um comportamento institucionalmente tão passivo aos estereótipos sedimentados socialmente. Pode ser necessária uma reflexão quanto à episteme acadêmica e quanto ao lugar de fala dos pesquisadores como uma forma de “romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado” (RIBEIRO, 2019). No campo individual, isso pode estar presente na busca por bibliografias que sejam diversas e que apresentem maior contextualização (mesmo em pesquisas quantitativas), pode se aproximar de uma revisão mais detalhada por parte dos orientadores, não apenas de trabalhos de seus orientandos, mas também de seus próprios trabalhos. No campo institucional, podemos cobrar maior apoio às mulheres, principalmente negras e trans, no acesso à universidade e à sua manutenção nos espaços acadêmicos.

Ao discursar sobre as diferenças entre racismo individual, institucional e estrutural, Almeida (2019) aponta que:

...entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende,

---

<sup>3</sup> O artigo apresenta uma iniciativa da Universidade de Utrecht (Países Baixos) que está sendo implementada e visa oferecer um modelo de avaliação baseado “na qualidade do ensino, no compromisso de atuar em equipes e na disposição de compartilhar dados de pesquisa”

antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas (ALMEIDA, 2019, p. 34)

Fazendo um paralelo superficial com a questão de gênero, podemos promover a reflexão de que esse movimento, que tem o intuito de causar mudanças estruturais na academia, não pode partir apenas da iniciativa particular de indivíduos, mas deve ser responsabilidade das instituições que, por sua parte, devem oferecer políticas de apoio para combater os diversos tipos de opressão. As instituições acadêmicas têm a responsabilidade e a função de acolher e de promover a diversidade do pensamento, seja como ele for produzido, e o ideal é que sejam exigidas condições para que isso aconteça. Apesar dos desmontes a que temos assistido nos últimos anos, as universidades públicas resistem e ainda mantêm uma estrutura propícia para promover espaços de crítica e autocrítica que permitam garantir maior inclusão e acessibilidade à comunidade.

## Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. Ribeirão Preto: Pólen Livros, 2019.
- ALMEIDA FILHO, Naomar de. Transdisciplinaridade e saúde coletiva. *Ciência & saúde coletiva*, v. 2, p. 5-20, 1997. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/csc/a/ZvbpZyt8VYHSQT4jbcWzbHw/abstract/?lang=pt>.  
 Acesso em: 27 Set. 2021. <https://doi.org/10.1590/1413-812319972101702014>.
- BARON-COHEN, Simon. Autism: The Empathizing-Systemizing (E-S) Theory. *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 1156, n. 1, 2009, p. 68–80. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19338503/>. Acesso em: 13 Aug. 2019.  
 doi:10.1111/j.1749-6632.2009.04467.x.
- BARON-COHEN, Simon. The Extreme Male Brain Theory of Autism. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 6, n. 6, 2002, p. 248–254. Disponível em:  
[https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364661302019046?casa\\_token=m2No91xvDlkAAAAA:kakqfBOuQBkW558KfMvJYOeFwvyALbhyQnV0kXDutgZUL\\_qIDYoFJBsc\\_H4nsOVXUMKtcEQRKBJ2](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364661302019046?casa_token=m2No91xvDlkAAAAA:kakqfBOuQBkW558KfMvJYOeFwvyALbhyQnV0kXDutgZUL_qIDYoFJBsc_H4nsOVXUMKtcEQRKBJ2). Acesso em: 11 Nov. 2020.  
 doi:10.1016/s1364-6613(02)01904-6.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 26, p. 2006 , 329-376. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332006000100014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 Jun. 2020.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100014>.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Aguiar, Renato (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Milliet, Sérgio (Trad.). - 2.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CHASSOT, Attico. A CIÊNCIA É MASCULINA? É, sim senhora! *Revista Contexto & Educação*, v. 19, no. 71-72, 2013, p. 9-28. Disponível em:  
<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1130>.  
 Acesso em: 18 Ago. 2019. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2004.71-72.9-28>.
- CLARKE, Eric; DENORA, Tia; VUOSKOSKI, Jonna. Music, empathy and cultural understanding. *Physics of life reviews*, v. 15, p. 61-88, 2015. Disponível em:  
[https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1571064515001608?casa\\_token=arPzA4C88sAAAAA:phYu0GZuXS7ehIEqRqckXoSWfWDMaOW1zwAxOdxMxHblPGOx\\_EK\\_m\\_ryuRUrR4dgoQ4J7uwXsE4](https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1571064515001608?casa_token=arPzA4C88sAAAAA:phYu0GZuXS7ehIEqRqckXoSWfWDMaOW1zwAxOdxMxHblPGOx_EK_m_ryuRUrR4dgoQ4J7uwXsE4). Acesso em: 25 Aug. 2021. doi:  
<https://doi.org/10.1016/j.plrev.2015.09.001>.

CONNELL, R. W., & Messerschmidt, J. W. *Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept*. *Gender & Society*, 19(6), 2005, p. 829–859. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0891243205278639>. Acesso em: 12 Apr. 2020. doi: <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>.

DARWIN, C. *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*. London: Penguin Books, 2004.

DARWIN, C. *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. London: Penguin Classics, 2009.

DE BOISE, Sam. *Men, Masculinity, Music and Emotions*. Palgrave Macmillan, 2015.

DE WAAL, Frans BM. The ‘Russian doll’ model of empathy and imitation. *On being moved: From mirror neurons to empathy*. John Benjamins Publishing, p. 35-48, 2007. doi: <https://doi.org/10.1075/aicr.68.06waa>

DESCARTES, R. *The Passions of the Soul*. Bennett, Jonathan (Trad.), 2010. Disponível em <https://www.earlymoderntexts.com/assets/pdfs/descartes1649.pdf>. Acesso em: 16 Apr. 2020.

FINE, C. *Delusions Of Gender: The Real Science Behind Sex Differences*. London: Icon Books, 2011.

FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19*. Nota Técnica, 2020. Disponível em: [https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/violencia-domestica-durante-pandemia-de-covid-19/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-domestica-durante-pandemia-de-covid-19/). Acesso em: 26 Jun. 2020.

GALLESE, Vittorio. The roots of empathy: the shared manifold hypothesis and the neural basis of intersubjectivity. *Psychopathology*, v. 36, n. 4, p. 171-180, 2003. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14504450/>. Acesso em: 02 Jul. 2021.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, v. 2, n. 1, 1984, p. 223-244. Disponível em: <https://patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/GONZAL1.pdf>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

GREENBERG, David M., et al. Musical Preferences Are Linked to Cognitive Styles. *Plos One*, v. 10, no. 7, 2015. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0131151#:~:text=Contemporary%20research%20into%20musical%20preferences,people%20would%20prefer%20music%20that>. Acesso em: 14 Abr. 2019. doi:10.1371/journal.pone.0131151.

HEYES, Cecilia. Where do mirror neurons come from?. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, v. 34, n. 4, p. 575-583, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19914284/>. Acesso em: 05 Jul. 2021.

INGALHALIKAR, M., et al. Sex Differences in the Structural Connectome of the Human Brain. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 111, no. 2, 2013, p. 823–828. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1316909110>. Acesso em: 11 Nov. 2020. doi:10.1073/pnas.1316909110.

INSTITUTO AVON - *O Papel do Homem na Desconstrução do Machismo*. Disponível em: <http://www.institutoavon.org.br/#/pesquisas/pesquisas>. Publicado em 2016. Acesso em: 27 de Nov. 2020.

KRUEGER, Joel. The affective ‘we’: self-regulation and shared emotions. *Phenomenology of Sociality: Discovering the 'We'*. Routledge, 2015. p. 263-277. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/KRUTAW>. Acesso em: 23 Jun. 2021.

LAURENCE, Felicity. Music and empathy. *Music and conflict transformation: Harmonies and dissonances in geopolitics*, 2008. I. B. Tauris, 2008. p. 13-25. Disponível em: <https://eprints.ncl.ac.uk/170469>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

MARQUES, Fabrício. Novas réguas para medir a qualidade, 2021. *Pesquisa FAPESP*. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/novas-reguas-para-medir-a-qualidade/>. Acesso em: 21 Set. 2021.

MARTES, Ana Cristina Braga. O Imperialismo Sedutor: a Americanização Do Brasil Na Época Da Segunda Guerra. *Revista De Administração De Empresas*, v. 41, no. 2, 2001, p. 79–80. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/XvXd5BB49pNbxYwBf8VWzpv/?lang=pt>. Acesso em: 24 Jun. 2020. doi:10.1590/s0034-75902001000200010.

MARTIN, Hale; FINN, Stephen E. *Masculinity and Femininity in the MMPI-2 and MMPI-A*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2010.

MAZZOLA, Alessandro A. Ressonância magnética: princípios de formação da imagem e aplicações em imagem funcional. *Revista Brasileira de Física Médica*, v. 3, n. 1, 2009, p. 117-129. Disponível em: <https://www.rbfm.org.br/rbfm/article/view/51>. Acesso em: 13 Nov. 2020.

MEAD, Margaret. *Sex and Temperament in Three Primitive Societies*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1977.

NICOLESCU, Basarab et al. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 1999. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod\\_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf). Acesso em: 24 Maio. 2021.

ONU Mulheres; blog Papo de Homem. *Pesquisa Quali - Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero*, 2016. Disponível em:

[https://issuu.com/onumulheresbrasil/docs/relat\\_\\_rio\\_onu\\_eles\\_por\\_elas\\_pesqui](https://issuu.com/onumulheresbrasil/docs/relat__rio_onu_eles_por_elas_pesqui). Acesso em: 27 Nov. 2020.

PEASE, A. AND PEASE, B. *Why Men don't Listen and Women can't Read Maps*. London: Orion Books, 2002.

PUTMAN, Daniel. Music and Empathy. *Journal of Aesthetic Education*, v. 28, no. 2, 1994, p. 98-102. JSTOR. Disponível em: [www.jstor.org/stable/3333275](http://www.jstor.org/stable/3333275). Acesso em: 9 Abr. 2020.

RABINOWITCH, Tal-Chen. How, Rather Than What Type of, Music Increases Empathy. *Empirical Musicology Review*, v. 10, no. 1-2, 2015, p. 96-98. Disponível em: <https://emusicology.org/article/view/4572/4174#:~:text=The%20ultimate%20theoretical%20prediction%20made,most%20effective%20in%20enhancing%20empathy>. Acesso em: 15 Abr. 2019. doi:10.18061/emr.v10i1-2.4572.

RENTFROW, Peter J., et al. The Structure of Musical Preferences: A Five-Factor Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 100, no. 6, 2011, p. 1139–1157. Disponível em:

[https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3138530/#:~:text=We%20have%20interpreted%20and%20labeled,and%20jazz%3B%204\)%20an%20Intense](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3138530/#:~:text=We%20have%20interpreted%20and%20labeled,and%20jazz%3B%204)%20an%20Intense). Acesso em: 03 Jun. 2019. doi:10.1037/a0022406.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *Revista internacional de direitos humanos*, v. 13, n. 24, 2016, p. 99-104. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em: 11 Nov. 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Ribeirão Preto: Pólen Livros, 2019.

SANTOS, Akiko. O que é transdisciplinaridade. *Rural Semanal*, v. 28, p. 31, 2005. Disponível em:

[http://ufrj.br/leptrans/arquivos/O\\_QUE\\_e\\_TRANSDISCIPLINARIDADE.pdf](http://ufrj.br/leptrans/arquivos/O_QUE_e_TRANSDISCIPLINARIDADE.pdf). Acesso em: 24 Maio. 2021.



SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. O modelo predominante de masculinidade em questão. *Revista de Políticas Públicas*, v. 14, n. 1, p. 59-65, 2010. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/352/771#:~:text=O%20MODELO%20PREDOMINANTE%20DE%20MASCULINIDADE%20EM%20QUESTÃO,-Simone%20Cabral%20Marinho&text=Reune-se%2C%20pois%2C%20neste,masculino%20dominador%20da%20sociedade%20patriarcal>. Acesso em: 01 Jul. 2020.

SILVA, Márcia Alves da. A incorporação da temática de gênero e diversidade na academia: por uma ecologia de saberes na universidade. *Educar em Revista*, v. 34, n. 70, 2018, p. 293-307. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/ywJ9YMbs9CQNn5mGzCFLmhK/abstract/?lang=pt>. Acesso em 18 Ago. 2019.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil: 1917-1940. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. 2004. p. 331-391. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/7bzx4/pdf/hochman-9788575413111-11.pdf>. Acesso em: 21 Out. 2021.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TRUTH, Sojourner. *E não sou uma mulher?* Pinho, Osmundo (Trad.) 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 7 Nov. 2020.

UDRY, J. (1994). The Nature of Gender. *Demography*, n. 31, v. 4, 2020, 561-573. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2061790>. Acesso em: 03 Jun. 2019.

VAN DEN TOL, Annemieke JM; EDWARDS, Jane. Exploring a rationale for choosing to listen to sad music when feeling sad. *Psychology of music*, v. 41, n. 4, p. 440-465, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0305735611430433>. Acesso em: 21 Out. 2021.

VUOSKOSKI, Jonna K.; CLARKE, Eric F.; DENORA, Tia. Music listening evokes implicit affiliation. *Psychology of Music*, v. 45, n. 4, p. 584-599, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0305735611430433>. Acesso em: 13 Ago. 2021.

WATT, Roger J.; ASH, Roisin L. A psychological investigation of meaning in music. *Musicae Scientiae*, v. 2, p. 33-53, 1998. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/251840571\\_A\\_Psychological\\_Investigation\\_of\\_Meaning\\_in\\_Music](https://www.researchgate.net/publication/251840571_A_Psychological_Investigation_of_Meaning_in_Music). Acesso em: 15 Jul. 2021.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v.9, n.2, 2001, p. 460-482. ISSN 0104-026X.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 11 Ago. 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>.

WISKERKE, Joost; STERN, Hélène; IGELSTRÖM, Kajsa. Camouflaging of repetitive movements in autistic female and transgender adults. *BioRxiv*, p. 412619, 2018. Disponível em: <https://www.biorxiv.org/content/10.1101/412619v1>. Acesso em: 17 Set. 2021.

ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.